

Turismo Cultural e Origens de um Povo: Uma Rota Turística Literária para a Cidade de Fortaleza, Baseada na Obra “Iracema”, de José de Alencar.

Denise Salvador*

Maria Manuel Baptista**

Resumo: O turismo cultural é um segmento que difere dos outros tipos de turismo, pois apresenta-se como elemento integrador e valorizador das componentes características de um povo e de uma região. Deste contexto, o presente artigo apresenta uma proposta para desenvolver o segmento do turismo cultural na cidade da Fortaleza, localizada no estado do Ceará – Brasil, a partir do livro “Iracema”, uma das maiores obras da literatura brasileira, do renomado autor José de Alencar. Propomos a criação de uma rota turística literária remetendo às origens simbólicas do povo brasileiro, sob a visão cearense, envolvendo o conjunto de lugares específicos e o patrimônio artístico que a cidade possui em homenagem a este livro e ao seu autor.

Palavras-chave: Turismo Cultural, Rota Turística Literária, Origem simbólica, Brasil

Introdução

Através da atividade turística, muitos elementos podem ser valorizados e resgatados em uma sociedade. A forma de apresentar para o visitante, o que cada lugar tem de melhor, proporciona a população o reconhecimento dos seus valores, as suas raízes e a sua importância no meio em que estão.

O turismo cultural surge como um dos segmentos da atividade turística que mais cresce e torna-se imprescindível ao desenvolvimento dos destinos. Tal segmento aborda as vivências de visitantes, relacionadas com o patrimônio material e imaterial pertencentes ao conjunto histórico, social, cultural, artístico e antropológico de um povo. As formas de vida, participação, evolução e influências tanto aos níveis regionais e nacionais, quanto aos internacionais, são pontos envolventes e despertam o desejo do conhecimento dos turistas, sejam eles turistas culturais ou não.

O turismo cultural é um segmento que se difere dos outros tipos de turismo; as suas peculiaridades estão marcadas nos interesses dos visitantes que viajam com o objetivo de enriquecimento cultural. “O turista cultural valoriza a cultura em toda a sua

* Mestranda em Gestão e Planejamento em Turismo da Universidade de Aveiro

** Doutorada em Cultura pela Universidade de Aveiro e Professora no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

complexidade e particularidade, movimentando-se em busca de ícones que representem a identidade local e a memória coletiva” (Ministério do Turismo, 2008:25)

Dentre as várias vertentes do turismo cultural, encontra-se o turismo literário que proporciona aos seus leitores o poder de experimentar os lugares reais ou imaginários das obras ou das vidas dos seus autores e àqueles que não têm a leitura das obras, o incentivo à ampliação do conhecimento intelectual e o despertar para a valorização do ato de ler. Conforme Simões (2004) “Os deslocamentos turísticos, provocados pela literatura em interconexão com a cultura, são desencadeados por travessias comunicacionais discursivas, situadas nos bens simbólicos, que permeiam os três campos de conhecimento em questão (literatura, cultura e turismo)”.

Neste contexto, optou-se pelo turismo literário para esta investigação, como meio de valorização e desenvolvimento do turismo cultural na cidade de Fortaleza, estado do Ceará - Brasil, através do olhar sensível e nacionalista do escritor José de Alencar, em que remete às origens simbólicas do povo brasileiro em sua obra histórica, “Iracema¹”. Sendo este livro, a base para o desenvolvimento de um roteiro turístico, ao qual envolve os lugares, os monumentos e o patrimônio que a cidade possui em alusão a esta obra e o seu autor.

Inicialmente o artigo apresenta uma revisão da literatura em turismo cultural, turismo literário e rotas turísticas literárias para o desenvolvimento da proposta pelo lado da oferta turística. A segunda parte, as origens simbólicas de um povo, a obra Iracema e referências as origens simbólicas do povo brasileiro são comentadas. A seguir, a metodologia e a investigação são fundamentadas para a proposta de criação da Rota A Fortaleza de “Iracema” e José de Alencar. Por fim, as conclusões e recomendações finais são feitas, de modo a esclarecer as proposta deste trabalho.

1. O Turismo Cultural e o Segmento do Turismo Literário

O turismo é capaz de mover as sociedades e por isso, a ligação e o crescimento ordenado entre o mesmo e a cultura são tão importantes. São setores interligados e que tomam rumos que permeiam diversas facetas e que trazem à tona elementos que antes não eram explorados, ou que ficaram ocultos pelas outras formas de se praticar o turismo. Sob a ótica de Pérez (2009:108) ainda que a natureza cultural do turismo é já antiga, a ligação entre turismo e cultura é relativamente recente e muito mais o conceito de “turismo cultural”.

Richards (1996:24) define o turismo cultural como o movimento de pessoas em busca de atrações culturais, com a intenção de obter novas informações e experiências que satisfaçam suas necessidades culturais.

De acordo com o Ministério do Turismo do Brasil - MTur (2008:16) o turismo cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos

¹ Iracema, Lenda do Ceará. O livro foi publicado em 1865 e, em pouco tempo, agradou tanto aos leitores quanto aos críticos literários. Em Iracema, José de Alencar construiu uma alegoria perfeita do processo de colonização do Brasil e de toda a América pelos invasores portugueses e europeus em geral (Barbosa & Beletti, s.d.).

significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

A união do turismo e da cultura é explicada por essa necessidade de complementar e diferenciar o modo como se pratica o turismo: Face ao turismo convencional e de massas, o turismo cultural apresenta-se como alternativa ao turismo de sol e praia, mas, num sentido genérico, o turismo pode ser entendido como um ato e uma prática cultural (Pérez, 2009:108).

Com o passar dos tempos, a evolução do turismo trouxe divisões e novas estruturas organizacionais e de planejamento em suas bases, e também modificações nos desejos do seu público consumidor, que segmenta-se e tenta fugir do convencional, trazem pouco retorno cultural e intelectual aos seus praticantes.

O turismo e a cultura encontram-se em um ponto comum, de promoção de benefícios aos agentes envolvidos no sistema, em todos os níveis. O desenvolvimento deste segmento do turismo traz melhorias locais e é capaz de despertar em sua população o sentimento de valorização da cultura. Como aborda o MTur (2008:16), sobre as duas classes de benefícios: “o primeiro é a existência de pessoas motivadas em conhecer culturas diversas e o segundo é a possibilidade do turismo servir como instrumento de valorização da identidade cultural, da preservação e conservação do patrimônio e da promoção econômica de bens culturais”.

Diante do contexto que o turismo cultural compõe e representa, destaca-se o papel do turista cultural, que de acordo com Barretto (2007:23) é aquele organiza a própria viagem, vai a lugares pouco visitados, interage com a população local e de preferência evita os outros turistas ou pelo menos diferencia-se conceitualmente deles. O explorador trata de evitar a rota do turista de massa e os lugares turísticos tradicionais (Cohen 1972:174, citado por Barretto, 2007:22).

São peculiaridades importantes sob o ponto de vista do desenvolvimento do turismo, pois estes visitantes estão dispostos a fugir do que é mais comum e promover outros segmentos que não estão diretamente ligados à exploração normal do setor turístico.

Sob a perspectiva das vertentes do turismo cultural, destaca-se neste trabalho o papel do turismo literário, que segundo Rebouças (2010) é um segmento que permite o contato entre o leitor com o local da obra, autor e com eventos de lançamento editorial.

Os livros podem transportar seus leitores a lugares que vão além do que é concreto e a partir dessa vivência imaginária, estes, podem tornar-se veículos de propagação de destinos turísticos já estabelecidos e até mesmo de locais pouco conhecidos, como casas, paisagens e elementos do patrimônio material ou imaterial de uma região. O que era há pouco tempo atrás uma aventura confinada a intelectuais, amantes radicais da literatura ou passeantes, tem se tornado um novo ramo do turismo em todo o mundo, o turismo literário (Santos, 2009).

Atualmente, em nosso mundo palpável, a literatura, além de inspirar viagens pelas letras, incentiva a viagem aos ambientes que inspiraram a criação de um livro e aos locais onde nasceram e viveram os autores (Rebouças, 2010). A possibilidade de conhecer os lugares marcados pela literatura é facilitada pelo desenvolvimento do

turismo, que oferece aos visitantes meios de acessibilidade, deslocamento, alojamento, entre outros, mas principalmente a concretização do encontro entre o leitor e os lugares (reais ou imaginários) das obras e de seus autores.

Pode-se ainda interpretar o título “Turismo Literário” em outro sentido, ou seja, como convite ao leitor para uma “viagem” pelos livros e além deles (Xicatto, 2008). Tal afirmação pode ser explicada pelo que Simões (2004) comenta:

[...] o leitor que, ao interpretar o imaginado ficcional tem a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar. Movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, "passeia" pela cidade que a ficção oferece. Assim nasce o leitor-turista. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer "ler" /ver, ao vivo e a cores, os locais reais tomados pela ficção. De leitor a turista é um passo: aquele que a mobilidade e o trânsito permitem. Torna-se turista-leitor, viajando para reconhecer e observar as re-significações daquelas cidades, antes "visitadas" através da leitura (Simões, 2004)

Esse desejo de conhecer os lugares que os autores fazem referência ocorre porque os mesmos, descrevem fidedignamente os locais, as situações, os cheiros, os sabores, as pessoas e todos os elementos que compõem a estrutura das histórias que são contadas. Ainda conforme Simões (2003), citado por Simões (2004):

Em relação a tais questões, operar o turismo por interface com a literatura implica uma compreensão do funcionamento do mercado cultural no contexto globalizado. É forma de valorização do discurso literário e do bem simbólico local, que habita o imaginário ficcional. O bem simbólico, presente na literatura, é consubstancializado para o turista através do patrimônio cultural arquitetônico (material) e do imaterial (mitos, lendas, folclore, danças, música, culinária, hábitos de um povo) e, ainda, do patrimônio natural. Por essa ótica, a cultura sobrepõe-se ao mercado, pois é ela quem dará o “tom” da relação entre local e global, entre a literatura e o turismo. (Simões 2003b, citado por Simões 2004)

A união de diversos elementos propiciados pela literatura em um só destino ou produto turístico transforma-se em um atrativo enriquecedor tanto para as localidades (que diversificam suas atividades, tornam-se visíveis ao grande público valorizando a cultura local), quanto para os visitantes e que apropriam-se de conhecimento e realizam sonhos, ao poder sentir e presenciar os lugares que antes apenas eram imaginados.

2. As Rotas Turísticas Literárias

As rotas turísticas reúnem e organizam o conjunto de elementos de interesse do público visitante, sob uma determinada temática, unindo todos os bens do patrimônio local, sejam eles materiais, imateriais ou naturais, que de alguma forma representam algum fato, remetam a alguma história, refiram a um determinado estilo de vida ou simbolizem a cultura de uma sociedade.

Cabe à gestão do turismo, comandar e definir regras, inovar e apresentar formas diversificadas e atraentes aos visitantes e não esquecer que, antes do consumo

propriamente dito, “alguns pontos essenciais devem ser observados, possibilitando que o turista tenha uma visão geral dos atrativos que irá visitar, além da infra-estrutura que terá a disposição” (MTur, 2008:44).

Para desenvolver uma rota turística, deve-se ter mais atenção a alguns critérios. As questões à respeito dos tipos da procura, custos, as melhores épocas para a realização, entre outros, devem ser devidamente analisados. A elasticidade, a sensibilidade e a sazonalidade (Almeida, Kogan & Júnior, 2007:161) são as variáveis mais importantes na composição das rotas turísticas.

Além do conhecimento das variáveis que influem nas rotas, o trabalho de *marketing* é fundamental para a atração de visitantes; imagens e frases devem estimular o imaginário do turista, motivando-o viajar para a materialização dos sentimentos despertados na propaganda (Ministério do Turismo, 2008:43). O visitante precisa sentir, imaginar e desejar conhecer determinado destino ou produto turístico.

Os itinerários culturais têm a função de reunir e representar os processos evolutivos, interativos e dinâmicos das relações humanas interculturais, realçando a rica diversidade das contribuições dos diferentes povos para o patrimônio cultural (ICOMOS, 2008). Devido esta característica que agregadora os reais valores sociais em favor do turismo, as rotas turísticas culturais são tão importantes.

Dentre a diversidade de rotas turísticas existentes, destacam-se nesta investigação as rotas turísticas literárias, que são rotas especificamente ligadas aos escritores e ou as suas obras, proporcionando aos leitores que “ao visitar a cidade natal de um autor, têm a possibilidade de conhecer a casa onde o autor nasceu, a casa onde viveu, a igreja em que se casou, os bares que frequentou, entre outros lugares por meio de uma rota turística específica” (Rebouças, 2010). As rotas sob a temática direta, baseada nas obras escritas, que reúnem elementos que simbolizam as passagens descritas pelos autores também fazem parte do turismo literário.

A prática do turismo literário é algo que poderá partir de uma intenção auto-motivação do leitor, sendo que ele próprio pode criar e desenhar a rota que o satisfaz, perante o que foi compreendido e imaginado através da leitura. Simões comenta que:

A literatura desperta o desejo de viajar e conhecer os lugares traduzidos e descritos pelos autores em suas obras, por essa concepção, guia para roteiros turísticos, na medida em que oferece um mapeamento de espaços e bens simbólicos, trazidos à cena através de patrimônios (material e imaterial) que configuram o perfil identitário de um lugar a ser visitado. (Simões, 2004)

Os livros são capazes, por si só, criarem e definirem a rota a ser visitada pelo leitor, embora não levem em consideração a logística eficiente, pois as obras não têm esse intuito ou obrigação. Para isso, o planejamento do turismo proporciona a viabilização e concretização dos itinerários literários. Assim, todos os pontos importantes e marcos fundamentais são dispostos ao público de forma que cada elemento possa ser conhecido e explorado da melhor maneira possível.

Conforme Rebouças (2010), “esse estilo de turismo possibilita a oportunidade do leitor refazer a rota de determinado personagem e de estar presente perante uma atmosfera de lendas pertencentes à relação existente entre ambiente e obra.”

Carvalho (2009) sublinha que:

Os itinerários literários procuram estabelecer uma relação entre diversos locais, paisagens ou atrações associadas a um escritor ou poeta. Podem ser seguidos por turistas de forma independente ou pode haver organização no destino de modo a promover a sua associação com o escritor e a potenciar a experiência do visitante. (Carvalho, 2009:25)

Viver o que o escritor citou em seus livros, conhecer os lugares por onde passou ou mesmo visitar lugares de significância puramente simbólica, são experiências que os “leitores-turistas” ou “turistas-leitores” buscam. Para Herbert (2001), são várias as motivações:

As pessoas visitam lugares literários por várias de razões. Primeiro, eles são atraídos por lugares que têm conexões com a vida dos escritores. Antiga casas, em que um escritor viveu e trabalhou, podem criar um sentimento de nostalgia e inspirar admiração ou reverência [...] Em segundo lugar, os turistas podem ser atraídos por lugares literários que formam as configurações para romances. Ficção pode ser representada e há uma fusão do real e do imaginário que dão a esses lugares um significado especial. Personagens fictícios e eventos, muitas vezes geram mais fortes imagens. (Herbert, 2001:314)

Tais elementos formam um conjunto de expectativas criadas pelos leitores, que envolve principalmente sentimento e desejos de viver uma experiência que satisfaça o que foi criado a partir do que foi imaginado anteriormente, através das leituras.

3. Boas Práticas do Turismo Literário

De acordo com o desenvolvimento do turismo literário, foram reunidas neste trabalho as boas práticas no mundo e no Brasil, que servem de exemplo para ilustrar a importância e a visibilidade que este tipo de turismo possui.

Destacam-se ao nível mundial, casas de escritores, como a de Pablo Neruda no Chile ou a de Ernest Hemingway em Cuba. Em Lisboa, Portugal, o apartamento onde Fernando Pessoa morou. No Porto, é possível fazer visitas guiadas à Casa e Quinta de Tormes, sede da Fundação Eça de Queirós, a Quinta onde ele viveu produz o vinho de Tormes e organiza “percursos queirosianos” na região (Beting, 2005).

Os maiores destaques podem ser observados no Quadro 1, onde são apresentadas as melhores cidades do mundo para o turismo literário e seus famosos autores conforme as páginas da internet especializadas em turismo *Holiday Lettings* (2008) e *Tourism Review* (2009):

Quadro 1 – Turismo Literário no Mundo: Lugares e Autores

Lugares	Autores
Londres, Inglaterra	Charles Dickens, Jonh Keats, Geoffrey Chaucer, Sir Arthur Conan Doyle, H. G. Wells
Stratford-upon-Avon, Inglaterra	William Shakespeare
Edimburgo ² , Escócia	Arthur Conan Doyle, J.K. Rowling
Dublin, Irlanda	James Joyce, Samuel Becket
Nova Iorque, Estados Unidos	Arthur Miller, Jack Kerouac, Zora Neale Hurston, Langston Hughes.
Concord, Estados Unidos	Louise May Alcott, Ralph Waldo Emerson, Nathaniel Hawthorne, Henry David Thoreau
Paris, França	Voltaire, Victor Hugo, Alexander Dumas, Honoré de Balzac, Gertrude Stein, Ernest Hemingway, Francis Scott Fitzgerald
São Francisco, Estados Unidos	Allen Ginsberg, Arthur Miller, Jack Kerouac
Roma, Itália	Virgílio, Percy Shelley, Mary Shelley, Henry James
São Petersburgo, Rússia	Fiódor Dostoievski, Leo Tolstoy, Anton Chekhov, Alexander Pushkin

Fonte: Compilado de Holiday Lettings (2008) e Tourism Review (2009).

Os lugares citados no Quadro 1 possuem estruturas organizadas para a demanda do turismo literário. São locais desenvolvidos, muitas obras são de épocas remotas, representam histórias que marcaram gerações, que revelam hábitos e costumes de um povo. Esses destinos possuem equipamentos e formas de publicidade eficientes, guias,

² Foi declarada a primeira cidade da literatura pela UNESCO (*United Nations, Educational, Scientific and Cultural Organization*)

rotas e eventos específicos em homenagem aos seus autores e obras e cada vez mais tomam maiores proporções e conquistam novos públicos.

No Brasil, as práticas do turismo literário ainda são pouco desenvolvidas e desconhecidas pelo grande público. Um marco importante no país foi a iniciativa da criação da Flip – Festa Literária Internacional de Paraty, que acontece desde 2003, pequena cidade de Paraty, litoral do estado do Rio de Janeiro, e busca reunir na cidade todas as atividades ligadas à literatura, com palestras, debates, mesas redondas entre outros eventos (Destino Paraty, 2010).

Outros destaques no país podem ser vistos no Quadro 2, que refere os lugares e os autores que fazem parte do turismo literário brasileiro:

Quadro 2 - Turismo Literário no Mundo: Lugares e Autores

Lugares	Autores
Ilhéus, Bahia	Jorge Amado
Cordisburgo, Minas Gerais	Guimarães Rosa
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	Rui Barbosa
Recife, Pernambuco	Gilberto Freyre
Natal, Rio Grande do Norte	Câmara Cascudo

Fonte: Compilado de Beting (2005) e Rebouças (2010)

O Brasil possui potencial para desenvolver o turismo literário, mas ainda conta com tímidas iniciativas. Desenvolver esta vertente do turismo cultural valoriza e preserva a história, o patrimônio construído, o incentivo a leitura e movimenta e desperta o poder intelectual das sociedades.

4. As Origens Simbólicas de um Povo

“Pensar cultura provoca pensar identidades culturais locais e formas de preservá-las ou, mesmo, resgatá-las” (Simões, 2001). O resgate e a valorização da cultura de um povo devem permear entre o profundo conhecimento de quem são, como vivem, qual a evolução, para onde irão desenvolver suas ações e influências e principalmente quais são as suas origens. A preservação dos elementos do passado e o cuidado em manter e promover os acontecimentos e manifestações do presente tornam-se imprescindíveis.

As origens simbólicas fazem parte principalmente do imaginário, que remete às raízes e ao cotidiano de uma sociedade e compõem a formação da identidade. Segundo Pesavento (1999)

A construção da identidade vale-se de imagens, discursos, mitos, crenças, desejos, medos, ritos, ideologias. Em outras palavras, a identidade pertence ao mundo do imaginário, que é esta capacidade de representar o real, criando um mundo paralelo ao da concretude da existência. No caso da identidade, e particularmente da identidade nacional, constrói-se uma comunidade simbólica de sentido que cria a sensação de pertencimento. (Pesavento, 1999:123)

Para entender o papel dos símbolos na sociedade, precisa-se reconhecer que os mesmos fazem parte do pensamento e configurações pessoais humanas, são objetos criados e reformulados a partir de ligações ligadas ao sentimento, que transformam algo físico em coisa que se toma posse e que tenha valor de referência emocional. Peirce (1995:71) citado por Nöth (2005:83-84) exemplificam que “todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos [...] Outros exemplos de símbolos são o estandarte, uma insígnia, uma senha, um credo religioso, uma entrada de teatro ou um bilhete ou talão qualquer”.

“A idéia de símbolo é portanto, uma pura abstração” (Nöth , 2005:85). O simbolismo representa a cultura e as formas de vida de um povo e os identifica e os diferem das outras populações. É uma forma imaginária de conceber-se a si próprio que conforta, dá segurança, marca presença no espaço e no tempo” (Pesavento, 1999: 123).

A “abstração” que os símbolos carregam pode deturpar ou desvalorizar o seu real significado “na verdade, um símbolo nunca é tão preciso quanto a palavra abstrata, mas transmite sem dúvida alguma, uma realidade bem mais complexa” (Lexikon, 1990:8). Desta forma, são elementos que conduzem à inúmeras interpretações, mas que fazem parte do seu próprio sentido de existência.

Os símbolos estão presentes em todas as sociedades, “todas as culturas têm comum o fato de servir-se de sistemas simbólicos, mas cada cultura dá diferentes significados aos símbolos” (Barretto, 2007:19). O entendimento e o uso dos símbolos ficam a critério da interpretação social e podem existir diversas formas de simbolizar e caracterizar marcos históricos, situações habituais, expressões culturais. A forma como são traduzidos e passados de geração para geração podem marcar a identidade de um povo.

A simbologia de um povo consegue reunir e caracterizar as origens sociais e antropológicas e fazer com que a sociedade estabeleça a sua identidade e reconheça-se através de imagens, mitos, histórias, atos e participações em fatos que marcam e definem suas estruturas enraizadas. Os eventos do passado, a vivência do presente e a construção do futuro são marcadas por passagens simbólicas e detêm de elementos compostos de significado.

5. A Obra Iracema e suas Referências às Origens Simbólicas do Povo Brasileiro

O Brasil é um país marcado pela mistura de raças, credos, culturas e hábitos “sem passado clássico, sem Idade Média, tendo seu nascimento histórico "revelado" por uma "descoberta", a mestiçagem foi o dado concreto mais recuado que se teve para a recomposição da gênese nacional. Ou seja, o Brasil já nasce como mestiço, sua alma já vem marcada pela cor” (Pesavento, 1999:126).

As origens do povo brasileiro são referidas a um conjunto de etnias que remontam épocas antigas, que surgem muito antes da colonização. De acordo com Pesavento (1999)

A começar pela recuperação do momento original, no âmago da gênese brasileira: no princípio era o índio ou o português? O ponto de vista adotado assume a saga lusitana da conquista que liga a nação, em seu nascedouro, à epopéia cristã ocidental da reconquista/conquista d'além-mar e assegura ao País um pé na Europa. Mas a mestiçagem lá está, a insinuar-se no corpo e, sobretudo, na alma da nacionalidade emergente, onde há a aceitação do índio, glamourizado e naturalizado pelo romantismo — a rigor, o índio fica do lado da paisagem e não da cultura —, mas realiza a exclusão do negro, relegado à coisificação da senzala. Estabelece-se a curiosa tríade: o colonizador branco é cultura, o índio é natureza, o negro é coisa, ferramenta, utensílio. (Pesavento, 1999:127)

Pluralidade é a marca brasileira, e daí surgem as mais diversas formas de manifestações culturais, movimentos sociais e intelectuais que tentam estabelecer e identificar as verdadeiras origens e os diferentes símbolos que caracterizam a vida e as raízes sociais desta nação.

Após a independência do Brasil, momento em que o país deixou de ser colônia de Portugal, os mais diversos setores da sociedade (escritores, intelectuais, políticos, órgãos públicos, entre outros) buscavam então a composição da nação. O Brasil precisava marcar sua identidade.

Melo (s.d.) comenta sob as mudanças ocorridas após a independência política da nação brasileira e mostra que tal ocorrido “provocou a nossa intelectualidade a imaginar sobre qual país estava se formando” e ainda provocou a construção de “símbolos nacionais e narrativas recheadas de lendas sobre um certo passado glorioso, que serviu muito bem pra aqueles (a nossa elite) que desejavam que a História do Brasil já nascesse pronta.”

Dentro desta fase pós-independência, surge uma geração literária que apresenta uma nova forma de expressão lingüística, incluindo os temas ligados à exuberância da natureza tropical, as questões político-sociais, o indianismo e o nacionalismo (Alcântara, s.d.) a figura do negro e sua representatividade no Brasil não são incluídos nesta fase.

Para este trabalho, destaca-se o escritor romântico José Martiniano de Alencar (1829-1877), nasceu no dia primeiro de maio de 1829, numa casa simples, em Messejana,

aldeamento indígena chamado São Sebastião de Paupina que, com a expulsão dos jesuítas em 1759, passa a se chamar Vila Nova de Messejana. Em 1921, deixa de ser município independente para se tornar um bairro de Fortaleza, estado do Ceará (Diário do Nordeste, 2009).

Além de autor de obras importantes à literatura brasileira foi também advogado, jornalista e político. José de Alencar é uma das maiores figuras intelectuais de todos os tempos para o Brasil e tem suas obras reconhecidas como marcos simbólicos da nacionalidade dos brasileiros por todo o mundo, pois retrata de forma nacionalista as histórias de um Brasil miscigenado.

A obra mais conhecida do autor foi *Iracema*, subtítulado *Lenda do Ceará*, publicada em 1865. É uma referência indianista e retrata o sentimento nacionalista que segundo Helena (1993:4) “problematiza as noções de cultura, identidade social e nação” através da miscigenação do índio, dono da terra, colonizado, com o branco, invasor ou explorador, colonizador.

“A obra *Iracema* surge orientada pelo estilo da escola romântica européia, mas reúne temas próprios, incluindo o índio como figura principal do enredo, “adicionando o projeto de construção de uma identidade nacional.” (Alcântara, s.d.)

Iracema é uma história de amor entre um homem e uma mulher, mas que vai muito além dessa composição, é a história de duas civilizações que encontram-se e misturam-se. De um lado a índia *Iracema* representa o Brasil: a terra, a paixão, a sedução, o intocado, o selvagem, a beleza. Por um outro lado, *Martim*, o branco português: a cultura, a invasão, o novo, o estranho.

O livro é referência também da história da fundação do Ceará e o ódio de duas nações indígenas inimigas (tabajaras e pitiguaras). Os pitiguaras habitavam o litoral cearense e eram amigos dos portugueses. Os tabajaras viviam no interior e eram aliados dos franceses (Barbosa e Beletti, s.d.).

Alencar remete o seu sentimento de saudade e valorização de sua origem no trecho em que comenta ao seu amigo, Dr. Jaguaribe, à quem escreve o prólogo da obra

O livro é cearense. Foi imaginado aí, na limpidez desse céu de cristalino azul, e depois vazado no coração cheio das recordações vivaces de uma imaginação virgem. Escrevi-o para ser lido lá, na varanda da casa rústica ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os múrmuros do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros. (Alencar, 1991:1)

O autor cria os ambientes, os sabores, os cheiros e as paisagens quase que de forma como se estivesse presente e oferece a oportunidade do leitor desfrutar, em seu imaginário, de cada elemento citado. Os “verdes mares bravios”, que brilham como “líquida esmeralda sob os raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros”, a serra que “azula no horizonte”, onde nasceu *Iracema*, são exemplos da perfeição estética e detalhismo do autor. Muitas vezes o próprio autor se coloca dentro das histórias, Barbosa e Beletti (s.d.) comentam que em alguns momentos o narrador arrebatado chega a revelar-se na primeira pessoa, como no trecho: “O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu.”

A figura da heroína indígena Iracema é descrita por Alencar como

a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. (Alencar, 1991:7)

O branco Martim se encanta pela beleza e pureza da índia. Iracema se apaixona por aquele estrangeiro que provoca fascínio, mas não pode se entregar a ele, porque, como afirma o Pajé, “se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de seu corpo, ela morrerá”. Mesmo com tal complicação a “virgem dos lábios de mel” entrega-se à paixão e é “possuída” pelo guerreiro branco. Iracema foge das matas do Ipu, onde vive com sua tribo, para o litoral, com agora o seu “esposo” Martim e Poti (índio amigo de Martim). (Barbosa & Beleti, s.d.)

Martim e Iracema, por um tempo, vivem essa união com muitas alegrias nas terras do litoral. Desse amor, nasce Moacyr, o fruto da relação entre a índia e o branco. Recebe da mãe o amor pela terra e do pai, a cultura européia.

Mas Martim acaba por “saturar-se de felicidade” e Iracema sofre com o distanciamento do esposo. Passa a ter dificuldade para amamentar seu filho e passa dias sem comer e morre, desfalece de tristeza. Martim fica longe de Iracema e quando volta, encontra Iracema à beira da morte. Ela entrega o filho a Martim, deita-se na rede e morre, consumida pela dor. Poti e Martim enterram-na ao pé do coqueiro, à beira do rio. O lugar onde viveram e o rio em que nascera o coqueiro vieram a ser chamados, um dia, pelo nome de Ceará. (Barbosa & Beleti, s.d.)

O livro constrói a nacionalidade brasileira de maneira histórica e simbólica através do filho miscigenado de Iracema e Martim. Sobre esta referência da obra, Alcântara (s.d.) destaca que:

Desta união resultará a formação do Brasil, com a morte de Iracema, que pode ser interpretada como a morte simbólica de sua cultura em nome da implantação dos interesses do branco, portador da civilização. A índia morre, deixa seu fruto, o pequeno mestiço, e ao final, o português sai vencedor, vivo e pronto para colonizar e cristianizar estas terras. (Alacântara, s.d.)

Iracema é a personificação da beleza e origem selvagem brasileira e na história de José Alencar, o choque cultural vivido representa “de maneira bem nítida que esse contato entre brancos e portugueses é prejudicial para os primeiros, pois estes, em sua maioria, sofrem conseqüências danosas para sua raça”. (Alacântara, s.d.)

As várias maneiras de simbolização implicam a “postura ambivalente de suportar dois juízos ou valorações opostas, dotando o Brasil de um perfil identitário particularizado e específico — talvez único, por que não?” (Pesavento, 1999:125).

Interessa salientar que as origens simbólicas do povo brasileiro que José de Alencar procurou ressaltar, e por que não dizer criar, estão representadas tanto nas figuras dos personagens (índios e brancos) e suas características psicológicas, quanto nas

representações da natureza. O sentimentalismo conveniente do autor romântico provoca e desperta para as questões das modificações sociais e os embates culturais causados pela colonização do Brasil pelos portugueses.

6. Metodologia e Investigação

Esta investigação tem carácter exploratório e para a revisão da literatura foram consultados artigos científicos, livros, jornais e páginas da *internet*.

Procurou-se apresentar, em um primeiro momento a fundamentação teórica através das referências sobre turismo, para o desenvolvimento das questões que envolvem o turismo cultural, turismo literário e as rotas turísticas literárias. Sendo que para as últimas, as boas práticas do turismo literário no Brasil e no mundo foram pesquisadas e devidamente analisadas como referências para o desenvolvimento da rota que este artigo propõe.

Em um segundo momento, a reflexão teórica fundamental teve como base as origens simbólicas dos povos e a análise da obra *Iracema* e das bibliografias que explicitam as teorias e simbologias das origens do povo brasileiro.

O universo da pesquisa é a cidade de Fortaleza, e para o desenvolvimento da proposta da rota de turismo literário foram feitas análises dos lugares, monumentos, parques, praças, entre outros, que fazem alusão a obra *Iracema* e também ao seu autor, José de Alencar.

7. Criação Uma Rota Turística para a Cidade de Fortaleza, Baseado na Obra Literária “Iracema”, de José de Alencar

7.1. Caracterização do Destino Turístico Fortaleza

De acordo o *site* da Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF (2009) a história da cidade é provavelmente mais antiga, que a do próprio Descobrimento do Brasil, em 22 de abril de 1500. Historiadores de Brasil, Espanha e Portugal ainda realizam calorosos debates sobre quem teria chegado primeiro ao litoral brasileiro, o navegador português Pedro Álvares Cabral, na Bahia, ou o espanhol Vicente Yañez Pinzón, que teria estado aqui, em 26 de janeiro ou 2 de fevereiro de 1500.

As primeiras tentativas de ocupação do litoral onde, hoje, se encontra a capital do Ceará, foram feitas por Portugal na primeira metade do século XVII. Mas a região já era habitada por algumas tribos de índios, como os Tremembé, Potiguar, Anacé e Paiacu, que guerreavam entre si. Os portugueses e holandeses chegaram a construir fortes que foram abandonados devido aos constantes ataques indígenas. Muito tempo depois, em 1823 o Imperador Dom Pedro I elevou a vila à categoria de cidade (PMF, 2009).

Fortaleza é a capital do estado do Ceará, situada no nordeste do Brasil e pelos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) a capital é a quinta colocada no país com 2.447.409 habitantes. As principais atividades econômicas são o turismo, o comércio, indústria de vestuário, calçados e alimentos e serviços.

A cidade é reconhecida pelo seu potencial turístico e oferece aos seus visitantes as belezas naturais das praias, a diversidade do artesanato característico, a boa comida, o humor que é típico do povo cearense e a hospitalidade.

Seus principais pontos de turismo e cultura são:

Praças, Parques e Lagoas: Praça do Ferreira; Praça dos Leões; Praça José de Alencar; Passeio Público; Parque do Rio Cocó; Lagoa de Messejana; Lagoa da Parangaba.

Centros Culturais: Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; Centro Cultural Severiano Ribeiro; Centro Cultural Banco do Nordeste.

Teatros e Museus: Theatro José de Alencar; Teatro São José; Museu do Ceará; Museu do Automóvel; Museu de Arte Contemporânea; Memorial da Cultura Cearense; Museu das Secas.

Mercados e Feiras: Emcetur (antiga cadeia pública, transformada em mercado de artesanato); Mercado Central; Mercado dos Pinhões; Feira de Artesanato da Avenida Beira Mar.

Igrejas e Edificações: Catedral Metropolitana; Igreja Nossa Senhora de Fátima; Forte de Nossa Senhora de Assunção; Farol do Mucuripe; Ponte dos Ingleses; Reitoria da Universidade Federal do Ceará.

Praias: Praia de Iracema; Praia do Futuro; Praia do Mucuripe; Praia da Barra do Ceará; Praia Mansa.

Estádios de Futebol: Plácido Aderaldo Castelo (Castelão); Presidente Vargas.

Além dessas características e equipamentos turísticos citados, Fortaleza conta com uma rede hoteleira em plena expansão e que atende a grande demanda turística. Dados do Governo do Estado do Ceará (2010), apontam que o crescimento na demanda hoteleira em Fortaleza foi de 14,0% e o impacto na economia no Estado foi de R\$ 2.773,0 milhões de receita direta, o que deve resultar em R\$ 4.852,8 milhões de renda gerada na cadeia produtiva do turismo.

A cidade de Fortaleza atualmente é um destino turístico estabelecido no Brasil e tem sido visitada por um número cada vez maior de pessoas, que vão à busca das mais diferentes formas de diversão: sol, praia, entretenimento, eventos, cultura e lazer, dentre outras várias razões.

Fortaleza apresentou crescimento do fluxo turístico de 12,9%, de janeiro a setembro de 2010, tendo como referência o mesmo período de 2009. No nordeste, é o segundo destino mais visitado, ficando atrás somente de Salvador. Os principais mercados

emissores internacionais nesse período foram Itália (28%), Portugal (20,2%), França (6,43%), EUA (6,26%), Espanha (4,25%) (Governo do Estado do Ceará, 2010).

Fortaleza oferece aos seus visitantes um vasto número de atrações ligadas ao turismo de sol e praia, onde se destaca na produção dos serviços à beira mar e em sua rede hoteleira em plena expansão. Contudo, a cidade precisa mostrar seu potencial para o turismo cultural como opção para seus visitantes e habitantes, pois essa proposta virá a atender um público carente de conhecimentos em torno do patrimônio cultural e suas raízes históricas.

7.2. A Rota a Fortaleza de “Iracema” e José de Alencar

Fortaleza conta com inúmeras demonstrações monumentais, simbólicas e sentimentais em homenagem ao seu ilustre filho, o escritor José de Alencar e a sua famosa índia Iracema. Livro que teve a incumbência de mostrar para o Brasil e para o mundo os mitos da nacionalidade brasileira, a partir de um romance acontecido nas terras cearenses.

A trama da história de José de Alencar inicia nas matas do Ipu e tem seu fim na cidade de Fortaleza, com a morte de Iracema. Uma descrição detalhada sobre a “Geografia de Iracema” foi escrita pela jornalista cearense Ana Miranda:

“Seus caminhos começam na serra de **Ibiapaba** e vão até as dunas de **Mucuripe** em **Fortaleza**, passam a montanha despida de arvoredo e tosquiada como a capivara, **Ibiapina**; as margens do **Camocim** e do **Acaracu**; a montanha com tantas frutas que se enchia de moscas, a **Meruoca**; as areias onde urubus pastavam de dia e de noite retornavam ao milho, **Uruburetama**; as voltas contínuas e enganosas do **Mundaú**; a foz do rio repleto de traíras; as margens do **Soipé** onde abundavam pacas, macios jacus, veados; o rio **Taíba** cujas margens abrigavam porcos-domato; **Cauípe**, onde se fabricava vinho de caju. Ainda, o lugar onde Iracema foi "abandonada" pelo guerreiro branco, a lagoa de **Messejana**. Há várias incursões pelo interior: o casal visita o avô de Poti na serra de **Maranguape**; Iracema toma banho na lagoa de **Porangaba**, vai para a lagoa de **Sapiranga**; com o esposo conhece **Pacatuba**, **Guaiuba**. Quando Martim vai à guerra, passa por **Aquiraz**, trava batalha contra os tabajaras e os franceses em **Camucim**, outra batalha é travada em **Jericoacoara**... Nem as grutas de **Ubajara** ficaram de fora.” (Miranda, 2009)

Alencar reuniu em perfeita harmonia as paisagens, os rios, as serras e toda uma infinidade de lugares do Ceará para construir os caminhos de Iracema e Martim. O autor, em sua obra, consegue apontar um roteiro, mas tal roteiro não oferece meios logísticos a quem deseja visitar; essa não era a obrigação do autor. O que Alencar proporciona em seu livro é o enaltecimento das belezas naturais de um Ceará intocado, conhecido até aquele momento, apenas pelos indígenas (donos das terras) e os europeus (exploradores), mas que precisava ser conhecido tanto pelas suas belezas e imponência natural, quanto pelas suas histórias.

Por questões de viabilidade logística e principalmente pela estrutura que a capital cearense possui para o desenvolvimento do turismo, Fortaleza é a cidade escolhida para a rota que este estudo propõe.

A rota “A Fortaleza de Iracema e José de Alencar” é construída com embasamento em cinco pontos principais: público-alvo; meios de transporte; duração do programa; levantamento dos lugares de Iracema e José de Alencar; levantamento geográfico e das vias de acesso.

O público-alvo da rota consiste nos leitores e admiradores da obra Iracema e do seu autor, José de Alencar. A proposta é lançada aos turistas culturais literários brasileiros e estrangeiros.

Para os deslocamentos, o mais apropriado é que sejam realizados através veículos próprios, pois não existem meios de transportes (públicos ou privados, coletivos ou individuais) que façam ligação entre os pontos da rota e também, pela grande extensão da cidade, não é possível cumprir os trajetos a pé.

São necessários dois dias para o cumprimento da rota, pois os visitantes poderão perder muito tempo com os deslocamentos entre um ponto e outro. Leva-se em consideração que Fortaleza possui um trânsito agitado, com engarrafamentos em horários de pico, por isso, o recomendado é que a rota seja realizada nos finais de semana ou feriados, mas isso não restringe às visitas nos restantes dos dias.

A rota poderá ser feita durante todo o ano, o clima da cidade é tropical e pouco varia durante o ano e ainda apresenta baixo índice pluviométrico. Devido o calor, é recomendado que as visitas às estátuas sejam realizadas no início das manhãs ou aos fins de tarde.

Os visitantes poderão beneficiar-se da boa rede de apoio que a cidade possui de restaurantes, hospedagem e entretenimento para o complemento das necessidades da viagem.

Ao primeiro dia, os visitantes iniciam a rota “A Fortaleza de Iracema e José de Alencar” pela zona sul da cidade.

A casa do escritor é o ponto de partida. José de Alencar morou com sua família durante nove anos, no Sítio Alagadiço Novo, região de Messejana, onde antigamente fazia parte das terras dos índios Paupina. A casa é mantida pela Universidade Federal do Ceará e foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O sítio foi transformado em museu e abriga acervo artístico, histórico e literário do autor. Seus bosques podem ser utilizados para a reunião de amigos, famílias; existe um restaurante para apoio aos visitantes; exposição de obras de arte; biblioteca. O lugar desperta o visitante para a época em que Alencar viveu, ao conhecer a casa simples onde o escritor passou parte da sua infância e ainda é possível conhecer as ruínas do antigo engenho de açúcar da família Alencar.

O mergulho na vida do autor é iniciado com a visita ao seu sítio e dá continuidade ao chegar à Lagoa de Messejana. A lagoa é o lugar, onde simbolicamente Iracema foi abandonada, junto ao filho, por seu amor Martim. Atualmente a lagoa conta com a mais

nova estátua da índia: “Iracema – Musa do Ceará” que possui 12 metros de altura e 16 toneladas e foi feita em 2004, pelo artista plástico cearense Alexandre Rodrigues. A escultura tem formas contemporâneas e foi inspirada por uma modelo cearense. O lugar possui estrutura de restaurantes e envolta da lagoa é possível entender um pouco mais da história do autor e da obra através de painéis explicativos.

É sugerido que a visita do primeiro dia seja iniciada pelo final da manhã, pela casa de José de Alencar, para que o visitante possa saborear as delícias da terra no restaurante do sítio e que a visita à Lagoa de Messejana seja ao final tarde, junto ao pôr-do-sol, um momento único àquela paisagem.

O segundo dia da rota começa com a visita às estátuas de Iracema dispostas ao longo da orla marítima de Fortaleza. A primeira estátua feita em homenagem a índia está na enseada do Mucuripe, Avenida Beira Mar. O local também é denominado Volta da Jurema e é um dos endereços mais caros da cidade. Inaugurada em 1965, feita pelo pernambucano Corbiniano Lins e apresenta Iracema e Martim com desenhos disformes. O local representa a espera de Iracema por seu amor, o guerreiro branco Martim; é a ligação do litoral do Brasil, com os mares estrangeiros.

Em seguida, no mesmo calçadão, está a famosa Praia de Iracema. Como marco da musa inspiradora para o nome do lugar, está a estátua marcada pela característica abstrata de traços finos e modernos, Iracema Guardiã de 1996, feita pelo cearense Zenon Barreto. A estátua está numa estrutura que adentra o mar e é a obra que melhor simboliza a região.

Finalizando a visita as estátuas de Iracema, está escultura do artista Descartes Gadelha, de 2002. Situada na Avenida Presidente Castelo Branco (ou Avenida Leste-Oeste) e é um marco do Rotary Clube Fortaleza Praia de Iracema.

Ao visitar as estátuas da orla marítima, os visitantes estarão diante dos lugares mais badalados do turismo da cidade. Em toda sua extensão e vizinhança é possível encontrar mercados e feiras de artesanato, lojas, centros culturais, bares, restaurantes, barracas de praia e a maior concentração hoteleira de Fortaleza. É sugerido que a alimentação seja realizada nessa região, bem como a hospedagem.

O centro de Fortaleza possui duas grandes obras em homenagem a José de Alencar: o monumento e o teatro. Ambos estão na praça que leva o nome do escritor. A rota encerra-se neste espaço.

O Monumento de José de Alencar foi inaugurado em 1929, em homenagem ao centenário do escritor. O monumento apresenta a escultura de José de Alencar ao alto e abaixo, são retratadas imagens de suas obras Iracema e o Guarani. À sua frente está o Theatro José de Alencar.

O término da rota é coroado com a visita ao Theatro José de Alencar. O teatro foi inaugurado em 1910, possui fachada em estilo *art nouveau*, seguindo os preceitos dos teatros-jardins. De acordo com o Ministério da Cultura (2010) é um dos mais belos exemplares da arquitetura de ferro. Divido em dois blocos, o primeiro em estilo neo-clássico, onde fica a bilheteria, no segundo, na rebuscada estrutura metálica trazida da Escócia, ficam o palco e a platéia. O painel central retrata a mitologia grega e a obra de

José de Alencar. Os camarotes foram nomeados com os títulos das grandes obras do autor. A sala de espetáculos tem capacidade para 800 pessoas. O teatro ainda conta com os jardins, projetados pelo arquiteto-paisagista brasileiro Burle Marx.

O itinerário criado poderá ser disposto aos turistas através de páginas na internet e com o apoio dos órgãos públicos e privados do turismo, pode ser feito material impresso, para ser entregue nos principais pontos de turismo da cidade.

Conclusões e Recomendações Finais

Conclui-se com este estudo que através da viabilização do turismo cultural em Fortaleza, é possível não só atrair novos públicos, mas despertar a cidade e o seu povo para o sentido da valorização das suas origens através do exemplo de uma obra e seu autor.

O turismo é uma atividade que precisa manter-se com constantes reparações e inovações. Diversificar produtos, equipamentos, atrair visitantes e ainda satisfazer a população local são obrigações da gestão turística. O turismo cultural é o segmento que consegue além de preservar os elementos sociais, promove melhorias nos mais diversos setores dos destinos. E para Fortaleza, é sugerido como opção ao turismo de sol e praia, que é praticado massivamente ano após ano.

Pelo potencial literário que a cidade possui, devido ao seu escritor mais famoso e reverenciado de todos os tempos, José de Alencar; o turismo literário é uma das vertentes que pode contribuir para o desenvolvimento do turismo cultural.

Os visitantes que buscam experiências de enriquecimento intelectual através da prática do turismo e especificamente, os turistas literários são o público-alvo da rota apresentada neste estudo.

A rota “A Fortaleza de Iracema e José de Alencar” serve como orientação para os visitantes interessados em conhecer a história e influência do escritor e da sua obra mais famosa, nas vidas dos cearenses e na estrutura da cidade de Fortaleza. Cada elemento que compõe a rota tem o objetivo não só de contar uma história fictícia, mas de incorporar o simbolismo que José de Alencar usou para explicar as origens do povo brasileiro, a partir de um enredo passado em terras do Ceará.

O presente estudo propôs a rota para Fortaleza, mas deixa a aplicação e o estudo de viabilidade turística da mesma, como temas para futuros trabalhos de investigação.

Na revisão da literatura sobre o tema foram vistas referências de projetos dos poderes públicos para a composição de uma rota maior, abrangendo outras localidades por onde a história de Alencar pontuou, mas nada de concreto (como diários oficiais, documentos, licitações) foi encontrado. Tal temática poderá ser explorada em outras pesquisas.

Bibliografia

Alencar, José de, (1991) (24^o Edição): *Iracema*. São Paulo: Ática.

Alcântara, Beatriz, (s.d.): *Iracema de José de Alencar*. Fortaleza: Publicações Revista Oboé. Url: http://www.oboe.com.br/2010/publicacoes_revista.asp?cod=57, último acesso a: 29/01/2011

Almeida, Alessandro; Kogan, Andréa, & Júnior, Rinaldo Zaina, (2007): *Elaboração de Roteiros e Pacotes*. Curitiba: IESDE

Barretto, Margarita, (2007): *Turismo y Cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas*. Tenerife-España: El Sauzal.

Barbosa, Frederico & Beletti, Sylmara (s.d.): *Estudo de Iracema de José de Alencar*. Url: <http://fredb.sites.uol.com.br/iracema.html>, último acesso a: 10/01/2011

Beting, Graziella. (2005): *Movido pelas Letras*. Brasil. Url: http://revistahost.uol.com.br/publisher/preview.php?edicao=0905&id_mat=324, último acesso a: 15/12/2010

Carvalho. Inês Cláudia Rijo de, (2009): *Turismo Literário e Redes de Negócios: Passear em Sintra com os Maias*. dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, Universidade de Aveiro.

Cohen, Erik, (1972): *Towards a sociology of internal tourism*. Social Research. In Barretto, Margarita, (2007): *Turismo y Cultura. Relaciones, contradicciones y expectativas*. Tenerife-España: El Sauzal.

Destino Paraty, (2010): *FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty*. Url: http://destinoparaty.com.br/7571_flip-festa-literaria-internacional-de-paraty, último acesso a: 28/01/2011

Diário do Nordeste, (2009): *Messejana e seu filho ilustre*. Fortaleza: Jornal Diário do Nordeste. Url: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=634752>, último acesso a: 29/01/2011

Governo do Estado do Ceará, (2010): *Turismo em Alta*. Url: <http://www.ceara.gov.br/index.php/sala-de-imprensa/noticias/1962-turismo-em-alta-setur-divulga-crescimento-de-12-9-nos-ultimos-nove-meses>, último acesso a: 20/01/2011

Helena, Lúcia. (1993): *A Narrativa de Fundação: Iracema, Macunaíma e Viva o Povo Brasileiro*. Santa Maria: Revista Letras. Universidade Federal de Santa Maria. Url: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigo_r6/artigo%208.pdf, último acesso a: 20/01/2011.

Herbert, David. T. (2001) (2^o edition): *Literary Places, Tourism and Heritage Experience*. Annal of Tourism Research.

Holiday Lettings. (2008). UK tops the list of literary tourism destinations worldwide. Url: <http://www.holidaylettings.co.uk/resources/industry-news/celebrity-travel-news-and-miscellaneous/uk-tops-the-list-of-literary-tourism-destinations-worldwide/a-3-146-1309/>, último acesso a: 20/01/2011

ICOMOS, (2008): *Cartas dos Itinerários Culturais*. Québec, Canadá: Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais (CIIC) do ICOMOS, ratificada pela 16ª Assembleia Geral do ICOMOS. Url: http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_Itinerarios_Culturais_2008.pdf, último acesso a: 10/12/2010

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, (2010): *Censo Demográfico de Fortaleza*. Url: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>, último acesso a: 29/01/2011

Lexikon, Herder, (1990): *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Pensamento-Cultrix

Melo, Jeane Carla Oliveira, (s.d.): *A interpretação do Brasil no discurso dos românticos Gonçalves Dias e José de Alencar*. Artigo Científico apresentado a Revista Outros Tempos. Universidade Estadual do Maranhão. Url: <http://www.outrostempos.uema.br/curso/anaisampuh/anaisjeane.htm>, último acesso a: 29/01/2011

Ministério da Cultura, (2010): *Theatro José de Alencar é Patrimônio Histórico desde os anos 60*. Brasil. Url: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/06/21/theatro-jose-de-alencar-e-patrimonio-historico-nacional-desde-os-anos-60/>, último acesso a: 30/01/2011

Ministério do Turismo, (2008) (2ª edição): *Turismo Cultural: Orientações Básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral e Segmentação.

Miranda, Ana, (2009): *Geografia de Iracema*. Fortaleza: Jornal O Povo. Url: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2009/09/17/noticiaanamiranda,910396/geografia-de-iracema.shtml>, último acesso a: 30/01/2011

Nöth, Winfried. (2005). *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.

Pérez, Xerardo Pereiro, (2009). *Turismo Cultural. Uma Visão Antropológica*. Tenerife-España: El Sauzal.

Pesavento. S. J. (1999). *A cor da alma: ambivalências e ambigüidades da identidade nacional*. Vol. 20 (1) Porto Alegre: Ensaios FEE.

Peirce, Charles Sanders, (1995) (2ª edição): *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva. In Nöth, Winfried. (2005). *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume.

Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF, (2009): *A Cidade de Fortaleza*. Url: http://www.fortaleza.ce.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=43&Itemid=60, último acesso a: 30/12/2010

Rebouças, Fernando, (2010): *Turismo Literário*. Brasil. Url: <http://www.infoescola.com/literatura/turismo-literario/>, último acesso a: 28/01/2011

Richards, Greg. (1996): *The scope and significance of cultural tourism*. In Richards, *Cultural Tourism in Europe*. Wallingfont: CAB International

Simões. Maria de Lourdes Netto, (2002): *Turismo cultural e sustentabilidade: exemplo da região do sul do estado da Bahia, Brasil*. Bahia: Notícias de Antropologia y Url: http://www.naya.org.ar/turismo/congreso/ponencias/maria_de_lourdes.htm, último acesso a: 15/12/2010

Tourism Review, (2009): *Top Ten Literary Tourist Destinations*. Url: <http://www.tourism-review.com/top-ten-literary-tourist-destinations-news1435>, último acesso a: 30/12/2010